

CHINA E LIVRE COMÉRCIO

*Por André Soares**

Um ano após seu discurso em Davos em defesa da globalização, o presidente da China, Xi Jinping, se encontra em momento delicado nas relações comerciais entre as duas maiores potências do mundo. Se por um lado é fácil manter a narrativa em defesa do livre comércio internacional e condenar o aumento de tarifa de importação para painéis solares e máquinas de lavar, imposto pelo presidente Donald Trump; por outro, é difícil não tomar medidas formais de proteção comercial a fim de retaliar os EUA e agir de forma exatamente contrária à iniciativa de promover a imagem da China como defensora do comércio global.

Até agora, os chineses evitaram retaliar formalmente e apenas emitiram uma nota condenando as medidas impostas pelo governo americano. A hesitação em tomar uma medida imediata pode ser explicada por entender que este foi um movimento localizado a fim de atender a uma promessa eleitoral do presidente dos EUA de conter o avanço de produtos chineses no mercado americano, e não necessariamente uma declaração de guerra comercial.

Isso se justifica, pois ainda há na mesa medidas de maior poderio bélico-comercial que poderiam, estas sim, serem o estopim para uma guerra comercial entre ambos os países. Em primeiro lugar, há a investigação lançada pelo governo americano para avaliar os impactos das importações de aço da China, onde os EUA buscam identificar se as importações chinesas seriam um risco à segurança nacional e visam a ampliar a rede de proteção contra os chineses. Assim como também tem o caso da investigação contra a perda de propriedade intelectual para a China prevista na

seção 301 da Lei de Comércio dos EUA. Caso esta seja considerada culpada, os EUA poderão impor medidas contra os chineses mesmo sem a chancela da Organização Mundial do Comércio.

Em face dessas ameaças, neste último ano, a estratégia da China tem sido a de evitar o confronto direto e de apostar que avanços concedidos em acesso a mercados que há tempos já vinham sendo reivindicados pelos americanos seria suficiente para manter a relação bilateral sem perdas excessivas para os chineses. Isso fica claro nos resultados apresentados pela viagem de Trump à China no final de 2017, quando foram anunciados acordos da ordem de US\$ 250 bilhões, que vão desde investimentos nos EUA que geram empregos, como foi o anúncio da Foxconn, até a abertura do mercado de carnes e de aumento de pedidos de compra de aviões.

Por fim, com o intuito de consolidar a imagem de defensora da globalização, seria estratégico que a China mantenha esta posição de não retaliar através de medidas formais de proteção comercial, como aumento de tarifas e de barreiras técnicas. Ela pode muito bem continuar jogando com a questão de acesso a mercados. Para tanto, pode reduzir sua demanda por produtos dos EUA de acordo com as medidas tomadas pelo governo americano. E como consequência, quem, por acaso, ganha com essa dinâmica é o Brasil, que compete diretamente com os EUA em importantes mercados na China, como soja, carnes e aviões.